



André Alzer, junto com Mariana Claudino”, acrescenta.

O contexto político é fundamental para entender 1985. Após mais de duas décadas de regime militar, o Brasil vivia os primeiros momentos de uma abertura democrática ainda incerta.

O rock brasileiro explodiu definitivamente em 1985. O BRock encontrou seu momento de consolidação, com bandas finalmente conseguindo espaço nas grandes gravadoras e nas rádios. O Rock In Rio, realizado em janeiro, foi o epicentro dessa explosão. Durante dez dias, o festival reuniu artistas nacionais e internacionais e mostrou ao mundo que o Brasil tinha uma cena roqueira vigorosa e original.

A MPB tradicional continuava produzindo obras relevantes, agora com a liberdade de abordar temas que antes eram vetados pela censura. Artistas que haviam sido perseguidos ou exilados durante a ditadura voltavam a gravar com regularidade. Compositores podiam finalmente falar de forma direta sobre política, desigualdade social e liberdade. Havia um desejo de experimentação, de buscar novos caminhos, de dialogar com influências internacionais sem perder a identidade brasileira.

A explosão dos ritmos regionais

A música regional também viveu um momento especial em 1985. A axé music irrompeu em Salvador justamente naquele ano. Artistas do Nordeste, do Sul, do Centro-Oeste encontraram espaço para mostrar suas produções para um público mais amplo, rompendo o monopólio do eixo Rio-São Paulo. Os ritmos regionais ganhavam novos arranjos, dialogavam com a música pop, criavam fusões inusitadas.

Entre os artistas que contribuíram com textos sobre seus próprios trabalhos estão Guilherme Arantes, Leo Jaime, Charles Gavin (dos Titãs), Daniel, Leoni e outros. “Daniel e Guilherme Arantes foram dois artistas que ficaram um pouco reticentes nos primeiros contatos.

Entretanto, quando Daniel caiu no texto foi uma verdadeira viagem as suas origens e seu primeiro mergulho no mercado fonográfico, ao lado do parceiro João Paulo. Guilherme demorou um pouco mais. Porém, quando acordou para seu ‘Despertar’ (o nome do álbum) fluiu muito. ‘Cheia de Charme’, que está no disco, seria uma parceria com Nelson Motta. Mas, esse demorou para entregar a letra. Com cronograma de gravação em cima, Guilherme deixou fluir um novo hit... com todo charme possível”, conta o organizador.

Jornalistas como Hugo Sukman, Silvio Essinger, Luiz Thunderbird, Kamille Viola e Chris Fuscaldo, o historiador Luiz Antonio Simas e o DJ Zé Pedro assinam textos sobre lançamentos que mostram a pluralidade daquele ano. São 89 autores que escrevem sobre um mercado fonográfico em ebulição.

Questionado sobre um álbum desta safra 1985 que não tenha alcançado grande reconhecimento, Célio responde: “Sempre há álbuns que acabam sendo injustiçados. Entretanto, dos que estão no livro chama atenção o ‘Estória de João-Joana’, de Sérgio Ricardo, um cordel de Carlos Drummond de Andrade que serviu como trilha de ballet. Vai muito além do cordel e mostra a grandeza de Sérgio como compositor, sem contar que tem arranjos de Radamés Gnattali. O álbum ganhou texto do letrista e professor de literatura Fred Góes. Um disco, produção independente, com um apuro gráfico em sua capa, que até recentemente consegui comprar por preços justos, na Feira da Praça XV. O álbum está nas plataformas. Mas, o ideal é ouvir acompanhando a ‘letra/poema’. O disco ‘Cristina Buarque e Mauro Duarte’, com texto assinado por João Pimentel, também é um primor.

O livro dá continuidade ao trabalho iniciado por Célio com “1973 - O ano que reinventou a MPB” (2014) e expandido com “1979 - O ano que ressignificou a MPB” (2022). Cada um representou momentos de virada na história brasileira recente, e a música foi protagonista dessas transformações.